

**ESPAÇO DE TOPOFILIA NA POESIA DE CORA CORALINA E
JOSÉ DÉCIO FILHO**

**SPACE OF TOPOPHILIA IN POETRY OF CORA CORALINA AND
JOSÉ DÉCIO FILHO**

Moema de Souza Esmeraldo

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do Campus
Catalão – UFG.

moemaesmeraldo@gmail.com

Maria Imaculada Cavalcante

Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do
Campus Catalão – UFG.

imaculadacavalcante@bol.com.br

RESUMO: Pretende-se investigar pressupostos teóricos que contribuam com a discussão sobre espaço, especificamente, os espaços referendados nas obras poéticas **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais** (1965), de Cora Coralina e **Poemas e Elegias** (1953), de José Décio Filho. Tais espaços são descritos por meio de um lirismo marcado pelo uso de imagens poéticas relacionadas, sobretudo, a cidades. Para tanto, propõem-se um estudo sistematizado dos espaços aprimorados na poesia desses autores, pois ao dedicarem versos para descrever determinados lugares não o fazem sem objetivo, e, dessa maneira, verifica-se a intenção de aproximar o eu-lírico com o meio vivido. Todavia, para amparar o enfoque apresentado, partirei de algumas noções de espaço geográfico discutida por Milton Santos, bem como utilizarei a topoanálise como suporte metodológico a partir da análise e aprofundamento das ideias do teórico Gaston Bachelard em sua obra **A poética do espaço**.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço, Poesia, Topoanálise.

ABSTRACT: It is intended to investigate theoretical assumptions that contribute to the discussion on space, specifically, the spaces approved in poetic works **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais** (1965), Cora Coralina and **Poemas e Elegias** (1953), by José Decio Filho. Such spaces are described by means of a lyricism marked by the use of poetic images related to cities. To this end, we propose a systematic study of enhanced spaces in the poetry of these authors, because to engage verses to describe certain places don't do it without purpose, and, in this way, it is the intention of approaching the lyrical with the half lived. However, to support the approach presented, then some notions of geographical space discussed by Milton Santos, and I'll use the topo-analysis as methodological support from the analysis and development of ideas of theoretical Gaston Bachelard in his work the **A poética do espaço**.

1) Considerações Iniciais

Muitos poetas valeram-se do uso de imagens relacionadas ao espaço para calcar a sua poesia. De Baudelaire a Fernando Pessoa passando por expressões poéticas brasileiras como Carlos Drummond, Manuel Bandeira, entre outros, principalmente, modernistas, fizeram a poesia confundir-se cada vez mais com os espaços da cidade ou de cidades e das experiências vividas nelas. O modo como os poetas interpretam o espaço da cidade pode ser coerente com o modo como os poetas consideram a vida e a poesia. Então, existem diferentes visões até do mesmo espaço ou espaços distintos que se aproximam por características semelhantes como, por exemplo, as imagens da Cidade de Goiás e outras cidades brasileiras elaboradas na poesia de Cora Coralina e José Décio Filho.

O invulgar fascínio por espaços de cidades pode ser verificado a partir dos poemas das obras selecionadas por evidenciarem em seus títulos o nome de cidades brasileiras em que os poetas viveram um período de suas vidas. O contexto histórico-cultural das cidades, bem como a biografia dos poetas em estudo podem até ser importante na compreensão dos textos poéticos, no entanto não se pode reduzir a análise poética à compreensão apenas desses fatores como nos lembra Octavio Paz:

A história e a biografia podem dar a tonalidade de um período ou de uma vida, esboçar as fronteiras de uma obra e descrever, do exterior, a configuração de um estilo; também são capazes de esclarecer o sentido geral de uma tendência e até desentranhar o porquê e o como de um poema. Não podem, contudo, dizer o que é um poema. (PAZ, 1984, p.19)

Neste sentido, faz-se importante uma rápida apresentação dos dois poetas, objetivando situá-los no contexto da literatura goiana. Cora Coralina nasceu na Cidade de Goiás em 1889, em 1910 casou-se e no ano seguinte mudou-se para o interior de São Paulo, onde viveu por 45 anos até retornar a sua cidade natal, segundo a biografia escrita pela sua própria neta, Vicência Brêtas Tahan (2002). Nota-se na obra abordada para estudo, **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais** (1965), que os poemas *Cântico de Andradina*, *Cidade de Santos* e *Ode a Londrina* fazem referência direta a

três distintas cidades por onde Cora passou por um determinado momento de sua vida. Então, tais textos poéticos representariam os percursos da vida da própria poetisa e suas experiências nesses espaços vividos por ela.

Já José Décio Filho nasceu na cidade goiana de Posse (denominada de Terra Branca em um dos seus poemas), passou a sua infância na cidade de Formosa e foi completar seus estudos na antiga capital do Estado de Goiás, Vila Boa, atualmente denominada Cidade de Goiás. O poeta tem sua trajetória marcada pela sua contribuição com a formação do modernismo em Goiás. Situa-se na corrente da linha universalista da poesia brasileira voltada para a preocupação com reações líricas e emotivas. Na década de 40, atua nos jornais **O popular**, **Folha de Goiás** e **Tribuna de Goiás**, e contribui com a revista **Oeste**, importante veículo de publicação do movimento modernista em Goiás. Suicidou-se aos 58 anos, em 1976, na velha Cidade de Goiás.

Na sua obra, **Poemas e Elegias** (1953), também existem textos poéticos que fazem referências em seus títulos às cidades – *Formosa, Terra Branca, Bela Vista e Vila Boa* – tratam-se de textos poéticos intitulados a partir dos nomes de cidades goianas em que o poeta viveu e fizeram parte de suas experiências. Portanto, o poeta transitou por diferentes espaços em sua vida e em sua poesia. Para a crítica e estudiosa de José Décio, Célia Sebastiana, na poesia do autor:

O espaço não tem apenas seu aspecto externo, de paisagem a ser contemplada, vista por fora. O espaço parece fazer parte da própria essência do poeta e o retrato que temos de Formosa, de Posse, a terra branca, de Goiás ou Vila Boa (há um poema para cada denominação) é um retrato que se delinea dentro dele, pelo próprio caráter existencialista de sua obra. (SILVA, 2000, p.16)

Durante quase toda a poética dos autores propostos para estudo, encontramos versos que denotam a poesia atribuições vinculadas a diferentes espaços relacionando-os a cidade. Dado o fato, na obra proposta para análise de Cora Coralina os poemas *Minha Cidade e Becos de Goiás* podem ser traduzidos como uma identificação amorosa do eu lírico a Cidade de Goiás. Por conseguinte, a poetisa ensaia, ainda, uma série de poemas em homenagem a diferentes becos da cidade, dos quais se destacam: *Beco da*

escola e *Beco da Vila Rica* e perpassa por outros espaços simbolicamente importantes, na Cidade de Goiás: *Rio Vermelho*, *Velho Sobrado* e *O Palácio Conde dos Arcos*.

É necessário mencionar que a qualidade da temática espacial se fez presente em poemas de José Décio que também configuram a observação de objetos de análise relacionados a espaços importantes na sua trajetória. Os poemas *O Pátio*, *No sanatório* e *Elegia feita no cárcere*, pelo que consta nos estudos críticos realizados por Célia Sebastiana Silva (2000), esses poemas realmente foram escritos quando o poeta se encontrava nesses lugares. Todavia, os limites mais opressivos, como o da prisão em um sanatório, não impedem José Décio de expressar-se por meio destes espaços que, aparentemente se apresentam como espaços de confinamento, aliás, provocam na poesia de Décio um contraste da liberdade alcançada por meio de poesia. Para reforçar a ideia de liberdade pela poesia, Gaston Bachelard (1978, p.23) coloca que “a poesia contemporânea pôs a liberdade no próprio corpo da linguagem. A poesia aparece então como um fenômeno da liberdade.”

Logo, a temática da cidade e demais espaços nela existentes, é expressiva na obra desses poetas por haver incidências de textos poéticos que privilegiam os espaços da cidade, marcados por topônimos que dizem respeito a esses espaços diretamente mencionados nos léxicos encontrados nos títulos dos poemas. Esses poetas se distinguem pela singularidade em suas visões, na ótica a diferentes espaços de cidades relacionadas a lugares por onde passaram parte de suas vidas, coincidindo em um espaço semelhante que os envolveram – a Cidade de Goiás ou Vila Boa, como era denominada antigamente.

Contudo, as análises das representações espaciais da cidade nos texto literários propostos encontram-se delineadas pelas discussões feitas pelo geógrafo brasileiro Milton Santos (2007) e pelo filósofo francês Gaston Bachelard (1978). Os espaços geográficos, utilizados na poesia dos autores em estudo são descritos de maneira a denotar que são espaços amados e configurariam o que Bachelard considera como espaços de topofilia.

2) Espaço, geografia e poesia

Na tentativa de investigar novas possibilidades de olhares para análise poética, utilizar-se-á a ótica da geografia na medida em que investiga o homem, seus pensamentos, sonhos e devaneios no espaço e no lugar por ele construído. Um dos campos de preocupação da Geografia é sem dúvida o espaço no qual o homem vive, produz e o modifica. Milton Santos (2007) conceitua o espaço como um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. Para ele “O espaço está no centro das preocupações dos mais variados profissionais. Poderíamos dizer que o espaço é o mais interdisciplinar dos objetos concretos.” (SANTOS, 2007, p.67).

Dada esta conceituação pode-se entender o espaço como conjunto de objetos geográficos naturais e sociais que se modifica com o tempo e pela ação do homem:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento.”(SANTOS, 2007 , p.30)

O pensar geográfico envolve a maneira de entender o mundo em que vivemos, já que a geografia é tida como ciência do espaço social e produtivo, seu objeto de estudo, o espaço geográfico, produto ou resultado da relação humana com o espaço da superfície terrestre que o circunda.

Esse encontro entre poesia e geografia é também uma oportunidade de tornar explícita a dimensão espacial na literatura de Cora Coralina e José Décio Filho, uma vez que o texto literário pode ser inserido dentro das concepções do chamado pensamento geográfico. Isto é, um discurso produzido pela consciência de espacialidade e deve ser considerado não como objetos, mas como sujeitos com os quais a geografia pode dialogar com o espaço da cidade, construída pelo viés da poesia, onde se alcança as grandes realizações humanas.

Por isso, o espaço é mais do que uma categoria de análise, é a condição básica e indissociável da história da existência humana. O estudo das localizações geográficas indica que as sensibilidades, que os valores locais obedecem a um ritmo relacionado a um determinado tempo exprimindo por hábitos e valores de uma época, em determinado espaço do Estado de Goiás:

Normas sociais interessantes
Conservadas através de gerações.
Hábitos familiares que se diluíram com o tempo,
ligados aos becos e portões.
(CORALINA, 1985, p.46)

Cora Coralina, mesmo durante o tempo em que passou longe da cidade de Goiás, declara seu amor à terra natal:

Longe do Rio Vermelho.
Fora da Serra Dourada.
Distante desta cidade,
Não sou nada, minha gente.
(CORALINA, 1985, p.91)

O “Rio Vermelho” e a “Serra Dourada” são espaços fronteiriços na Cidade de Goiás. Portanto, ao utilizá-los como elementos importantes para a compreensão de sua poética, Cora, intenciona demarcar os limites da cidade como os limites da sua própria existência, ocasionando uma “intimidade protegida”. Expressão utilizada por Bachelard (1978) para propor a ideia de acolhimento e segurança que determinados espaços podem transmitir ao ser humano. Não se trataria de um espaço qualquer, mas, sim, de espaços específicos que fizeram parte da trajetória de Cora e, por conseguinte, espaços expressivos que ficam guardados na memória e revela, de certa forma, a alma humana.

Já o poeta José Décio também transita por espaços importantes, como exemplo, o poema *Terra Branca* que faz referência à cidade de Posse, que é a cidade goiana de seu nascimento, logo, o primeiro espaço importante para a sua existência, como nos comprova seus versos:

Na casa do meu avô,
depois de meus pais,
vi pela primeira vez
a paisagem mais simples do mundo.
(DÉCIO, 1979, p.46)

Então, o espaço deve ser visto como um processo de articulação entre o indivíduo e o percurso trilhado pelo sujeito-lírico, sendo envolto em um sentimento

positivo, pois evoca uma sensação de acolhimento e saudosismo, marcando as fronteiras simbólicas da existência do poeta: “Posse ... terra branca de luar./Pura e humildemente./minha saudade te visita.” (DÉCIO, 1979, p.46)

Revisitando espaços importantes em sua trajetória, cita ainda, a cidade de Bela Vista com um espaço de representação das cidades pequenas onde as pessoas teriam mais tempo para apreciar elementos da natureza, como figuram os versos do poema que tem como título o nome desta cidade:

Manhã cheia de pássaros cantando
na fonte fresca
das jabuticabeiras dadivosas
Á tarde o sol lúcido da praça,
uma andorinha plaina bem alto
e desce qual uma flecha
para pousar mui tranquila
na torre cinzenta da igreja
ninguém aplaudiu!
(DÉCIO, 1979, p.45)

Nesses versos percebe-se que as coisas pequenas e simples têm muito mais valor para o artista do que as grandes. O poeta fotografa a paisagem por meio de elementos da natureza e, ao realizar seu trabalho, apropria-se de modo único de um universo muitas vezes não valorizado, porque corriqueiro para aqueles que o vivenciam, menos para o poeta. Tal fato pode ser constatado no verso “ninguém aplaudiu”, salvo o poeta que eternizou a paisagem do seu encantamento.

Já no poema *Vila Boa* o elemento geográfico do rio acompanha as ações do eu-lírico e a sua importância é notória para a constituição do texto poético: “Ouvi ao longe, intermitentemente,/O murmurar do rio Vermelho/E eu andava sempre.” (DÉCIO, 1979, p.72). É possível notar nesses versos a participação do ser humano natural e suas identidades ligadas à natureza representadas, entre outros elementos pelo rio. O rio vermelho é elemento fundador da cidade de Goiás, pois a cidade foi construída a partir deste elemento geográfico. Desse modo, o rio foi citado como elemento sinestésico, uma vez que há intenção de reprodução sonora com o uso do sintagma “murmurar”, estabelecendo uma espécie de onomatopéia para o barulho do rio. O equilíbrio da natureza faz-se presente nos versos de José Décio e dialoga com o eu-lírico que

contempla e incorpora a cidade e seus espaços. As experiências espaciais relatadas são individuais pelo uso excessivo da primeira pessoa do singular.

As manifestações de algumas expressões e comparações corriqueiras pertencentes a elementos existentes nas tradições da simplicidade do interior goiano. As expressões lexicais representam, no discurso, as vozes de valorização da natureza no seu contexto regional. Assim, as poéticas de aspecto regional trabalham o instrumento verbal usando o espaço externo como elemento principal a cidade, para a elaboração de uma linguagem poética que utiliza uma linguagem do coloquial. Dado o fato como importante para a compreensão da poesia dos autores em estudo, contudo, os poetas fazem um passeio pelas ruas e logradouros da Cidade de Goiás retratando, dessa forma, uma cidade também presente nos dias atuais. Os becos abaixo mencionados existem na Cidade de Goiás até os dias atuais:

Becos da minha terra,
Discriminados e humildes,
Lembrando passadas eras ...
Beco do Cisco
Beco do Cotovelo (...)
Bequinho da escola
Beco do ouro Fino. (...)
(CORALINA, 1985, p. 105)

A demarcação do espaço e da paisagem resulta em movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos. “Tudo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível.” (SANTOS, 2007, p.67)

Os estudos de Milton Santos, no campo da geografia crítica, delimitam o entendimento do conceito de cidade e espaço dentro das pesquisas desenvolvidas dada a observação atenta do fenômeno das relações da sociedade e o indivíduo. Para o geógrafo, o espaço da cidade se diferencia do campo, entre outros motivos, pela possibilidade de trabalho livre. As cidades puderam formar-se graças a um determinado avanço de técnicas de produção agrícolas, que propiciou o acúmulo excedente de produtos alimentares. “Dessa forma, a cidade é um elemento impulsionador do desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas.” (SANTOS, 2007, p.60). Para

concluir, Santos coloca que a cidade ainda seria um espaço revolucionário e afirma que “A cidade é um lugar de ebulição permanente” (SANTOS, 2007, p.59).

Com estas considerações, é possível notar a contribuição de um novo olhar sobre o espaço geográfico, que não se limita àquilo que vemos, pois não se constitui apenas do que é mensurável por estar repleto de parcialidade da imaginação, como nesses versos de José Décio: “A cidade me ensinou a esperar./Pelos dedos lentos da agonia/O tempo se escoou. Para sempre.” (DÉCIO, 1978, P.55).

Michel de Certeau (2002) em sua importante obra **A invenção do cotidiano** aponta subsídios para a discussão sobre uma gama de elementos presentes em nosso cotidiano. Dentre as questões abordadas por Certeau não se poderia deixar de mencionar os espaços vividos no cotidiano, que para o autor podem adquirir autonomia por meio de poesia.

Ao propor a importância da representação de espaços do cotidiano considera que, apesar desses espaços serem objetos inanimados, ocupam lugar privilegiado comparando-os aos antigos deuses como “espírito” do lugar Imaginário urbano.

Para Certeau (2002), o imaginário urbano são as coisas que o penetram. Cita diferentes paisagens e espaços tomados por historicidade, provenientes do passado, esses espaços são equivalentes a personagens e assumem o papel misterioso do saber da velhice. Os espaços são, então, testemunhas de uma história que não usa mais linguagem, restando a imagem que por si só representa todo um “patrimônio” que ultrapassa.

4) Topofilia e análise poética

A ideia bachelardiana de espaço, que é extremamente poética, é apresentada na obra **A Poética do Espaço** por meio do exame das imagens dos espaços denominados pelo autor como espaço feliz. Nesta perspectiva este espaço feliz é conceituado como espaço topofílico. Os espaços analisados pelo autor, então, são: a casa, o porão, o sótão, a cabana, a gaveta, o cofre, o armário, o ninho, a concha, o canto, que revelam uma fenomenologia do homem e sua relação com o mundo por meio da poesia, estabelecendo a relação do que há dentro do homem e à sua volta.

O autor afirma que através do espaço se pode chegar a uma fenomenologia da imaginação, ou seja, conhecer em sua origem, em sua essência, sua pureza. Bachelard (1978), durante toda a sua obra, aponta diferenças entre imagem e metáfora. A metáfora seria uma imagem fabricada, sem raízes, já a imagem se diferenciaria por ser real, seria então um fenômeno do ser falante. Nesse sentido, a metáfora é uma falsa imagem e as imagens da nossa intimidade estariam relacionadas à lembrança pura que é unicamente pessoal e incomunicável, e está no interior do armário (memória).

Em suma, a obra em estudo é pautada pela discussão da relação da lembrança aprazível de espaços importantes como afirma Bachelard (1978, p. 68): “Os espaços amados nem sempre querem ficar fechados! Eles se desdobram. Parece que transportam facilmente para outros lugares, para outros tempos, para planos diferentes de sonhos e lembranças.” As circunstâncias de vida, a precisão da descrição do olhar do eu-lírico, recuperado pelas lembranças dos poetas, é revelado por uma escrita poética que possibilita sobressair, no ato lírico, matizes diversos da ação do homem sob o espaço.

De acordo com Bachelard (1978, p. 26), a casa é o primeiro espaço legítimo do homem. Com seus cantos, sótãos, porões, armários e gavetas que o protegem e dão a ele ilusão de estabilidade “é uma das maiores (forças) de integração para seus pensamentos, suas lembranças e seus sonhos”. As imagens que a casa traz são quase sempre reconfortantes. Não o são sempre, porque há imagens de espaços habitados que causam o desconforto, ocorrendo, assim, “uma inversão na função de habitar”, onde o espaço deixa de ser um “espaço feliz”. Mas o objetivo dessa análise é evidenciar a relação íntima e amorosa dos poetas em estudo com os espaços cantados em sua poesia.

No intento de corroborar em demonstrar essa relação amorosa de Cora Coralina com a cidade temos os versos de abertura do poema *Minha Cidade*:

Goiás, minha cidade ...
Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas
curtas,
indecisas,
entrando,
saíndo
uma das outras.
Eu sou a menina feia da ponte da Lapa
Eu sou Aninha.

O tom de dedicatória amorosa aparece ainda explicitamente nos versos do poema *Becos de Goiás*:

Beco da minha terra ...
Amo tua paisagem triste, ausente e suja. (...)
Amo a prantina silenciosa de teu fio d'água (...)
Amo esses burros-de-lenha que passam pelos becos antigos. (...)
Amo e canto com ternura
todo o errado de minha terra.
(CORALINA, 1985, p.103-104)

Seja ao utilizar repetitivamente o verbo no presente “amo” como no poema *Becos de Goiás* ou ao empregar o adjetivo “amorosa” no poema *Minha Cidade*, a poetisa se aproxima dos espaços da cidade e dos becos (considera-se o beco como metonímia de cidade) ao estabelecer nesses versos uma relação de amor com o espaço cantado, mesmo associado a adjetivos pejorativos tais como “triste”, “ausente” e “sujo”, mesmo assim o sentimento de amor incondicional a terra prevalece, os becos particularizam a cidade e os adjetivos dão a ideia de intimidade. Esse esfacelamento do todo em becos humaniza a geografia da cidade, propiciando a identificação do eu-lírico com a mesma.

Os dois poemas são marcados pelo uso repetido do pronome possessivo “minha” o que nos confere a ideia de identificação do eu-lírico com os espaços referendados em seus versos. O espaço do beco, mesmo relacionado a características não aprazíveis é para Cora um espaço forte de recordação e ternura.

A própria vida de Cora Coralina se confunde nos poemas da obra poética proposta para análise, sua vivência poética e sua estética estão relacionadas com a sua vida. De tal modo, pode-se inferir que os elementos levantados nos poemas permitir-nos-iam inúmeras considerações em outros diferentes níveis semânticos a serem analisados, porém, o interesse do presente trabalho é apontar os elementos relativos a questão do espaço e a cidade.

Numa perspectiva literária, o foco vai além dos elementos constitutivos do todo. Os espaços específicos dentro da cidade enfatizam a visão que o individual do eu-lírico tem do mesmo, desse modo, o espaço seria vivido, percebido, sentido, amado ou

rejeitado. Neste contexto, os sentimentos em relação ao espaço e sua percepção são vistos com mais significação. Assim, é possível reconhecer a simbiose da poetisa com o espaço do rio:

Vive entro de mim
A lavadeira do Rio Vermelho
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
(CORALINA, 1985, p.45)

Cora Coralina, dessa maneira, constrói o sentido ao espaço do rio Vermelho, não somente pela atividade humana, mas, sobretudo pelo conhecimento intuitivo do espaço incorporado por meio de poesia. Ao incorporar a “lavadeira do Rio Vermelho” utiliza elementos que permeiam tal condição tais como “água” e “sabão”.

Em nível textual, muitos são os léxicos usados pela autora para atribuir a sua poética uma conotação vinculada aos espaços de sua vivência e intimidade. A casa em que Cora viveu a sua infância é a mesma para onde regressou após quarenta e cinco anos longe da sua cidade natal:

Velho documentário de passados tempos, vertente viva de estórias e de lendas. Meus anseios extravasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas e eu me fiz ao largo da vida. Vestida de Cabelos brancos voltei a Casa Velha da Ponte, barco centenário – encalhado no Rio Vermelho.
(CORALINA, 1985, p.178)

Nesse universo poético, os espaços da velha casa da ponte podem ser distinguidos nitidamente. As “portas” e “janelas” simbolizam a ideia de abertura, ou no caso, de liberdade quando Cora Coralina teve que sair da sua cidade para poder se casar. Ao retornar depara-se com a mesma casa chamando-a de “barco centenário encalhado no Rio Vermelho”, pois mesmo com o passar do tempo e após ter morado em outros diferentes lugares a casa encontrava-se a mesma e, claro, no mesmo lugar demarcado em sua memória. A casa citada encontra-se as margens do rio Vermelho localizado na Cidade de Goiás e ao ser citado dá a ver a ideia de deslocamento provocado pela sua própria natureza, o barco como metáfora de viagem. Mas essa casa-barco encontra-se aportada, possibilitando a volta às origens, o retorno a infância por meio das memórias,

a casa atemporal, pois nos remete ao passado e ao mesmo tempo faz projeções para o futuro. O retorno da poetisa a casa que viveu em sua infância faz da casa o espaço de aconchego, agora, transformada em ninho para o acolhimento tanto de Cora quanto do sujeito lírico.

A casa tão representada em sua poesia como a casa velha da ponte da Lapa pode ser entendida como o espaço do ninho representado na obra bacheladiana. O ninho, para o filósofo, como toda a imagem de repouso, de tranquilidade, associa-se imediatamente à imagem da casa simples. A casa ninho enfatiza a questão do regresso humano. Para ele, volta-se a casa ninho, ou melhor, sonha-se voltar como o pássaro volta ao ninho. Esse signo da volta “marca infinitos devaneios” e as imagens aproximadas do ninho e da casa repercutiriam a própria felicidade. Estas duas imagens, o ninho tranquilo e a velha casa, representam, segundo Bachelard (1978), os sonhos da intimidade. Com relação à primeira morada e aos encantos que nos chamam de volta à velha casa, escreve:

Mas, para comparar tão ternamente a casa e o ninho, não será necessário ter perdido a casa da felicidade? Há um lamento nesse canto de ternura. Se voltarmos à velha casa como quem volta ao ninho, é porque as lembranças são sonhos, é porque a casa do passado se transformou numa grande imagem, a grande imagem das intimidades perdidas. (BACHELARD, 1978, p.252)

Para Bachelard (1978), a velha casa, que é relacionada ao desejo de regresso, é um ninho no mundo. Nela reside à confiança nativa, a segurança da primeira morada. Não obstante, na obra de José Décio filho **Poemas e Elegias** também constrói, por meio de versos, uma significativa representação dos espaços de cidades e da casa natal de seu nascimento, estabelecendo uma relação de afetividade. O autor dedica uma série de versos para expressar a sua afeição por espaços importantes marcados pelas suas experiências de vida. Desde seu nascimento, passando pela infância e a fase adulta, Décio nunca deixou de rememorar os espaços das cidades que marcaram o decorrer de sua existência. Em seu poema *Terra Branca* coloca a própria paisagem como elemento de representação de seu nascimento:

Na casa de meu avô,
depois de meus pais,

vi pela primeira vez
a paisagem mais simples do mundo. (...)
Posse ... terra branca de luar.
Pura e humildemente
Minha saudade te visita.
(DÉCIO, 1979, p.46-47)

Como exposto em seus versos, a cidade de seu nascimento é Posse (GO), fez o primário em sua cidade natal e em Formosa; o secundário no Lyceu de Goiás. A obra poética de Décio, fruto de uma necessidade interior, corresponde a necessidade de trabalhar a temática do espaço como objeto de sua poesia, em principal, o espaço das cidades por onde o poeta viveu. Os espaços são lembrados por meio da percepção e memória do poeta e assim, as paisagens são recriadas a partir de lembranças afetuosas e não apenas de maneira meramente descritiva ou realista.

O mundo descrito por José Décio seria mais sertanejo em sua essência. Os espaços são recriados para estabelecer relações com ações de sua memória. Como é notável nos versos a seguir, pertencentes ao poema *Formosa*:

Escurece. As sombras brincam de esconde-esconde
e a noite vem germinar fantasmas.
As árvores do quintal põem-se a cochilar
e ouvem-se gemidos das maracanãs
roçando as folhas das bananeiras. (...)
E a cidadezinha do interior
vestida de crepúsculo
sonha embalada a doce cantiga.
(DÉCIO, 1979, p. 8)

A geografia da cidade interiorana demonstra aspectos particulares de um espaço específico diferenciado do urbano. O ritmo de vida das pessoas, bem como seus hábitos e costumes parecem funcionar de um modo próprio, em um ritmo menos acelerado.

Vale-se ainda do espaço da Cidade de Goiás, no poema intitulado *Vila Boa*, rememorado de modo terno a cidade em sua poesia:

Na hora vespéral
do enterro clássico do sol,
eu andava pelas ruas vazias
da velha cidade,
com meus passos lentos e duros.
Ouvi ao longe o murmurar do rio Vermelho

E eu andava sempre
Mais distante contemplava embevecido
os muros andrajosos,
cobertos de flores de jiterana e são Caetano.
(DÉCIO, 1979, p. 72)

As imagens temporais criadas nesses versos reportam a antigos hábitos do poeta quando vivera na cidade de Goiás. Nesta mesma estrofe o poeta vale-se de gradientes sensoriais, isto é, da relação entre espacialidade e os sentidos humanos para aprimorar a lembrança de determinados espaços da cidade. No que tange aos elementos sensoriais, considera-se válido observar – o contato estabelecido pelos sentidos – “gradientes” ou aspectos perceptivo-cognitivos atuantes na relação entre ser humano e espaço. Tais elementos podem ser observados também na construção de mundos realizada pela literatura, conforme explica Borges Filho (2007), para quem gradientes sensoriais são “os sentidos atuando na relação entre o personagem e o espaço”. No caso, podemos entender este personagem como sujeito lírico.

O uso do verbo “ouvir” relacionado ao fato do rio Vermelho mencionado em seus versos ser um rio que corta toda a cidade, trabalha com a questão da audição. O uso do verbo “contemplar” prova a sua adoração por espaços simples da cidade como “muros andrajosos cobertos de flores de jiterana” e enfoca o sentido da visão. Além disso, observa-se que os gradientes sensoriais apresentam o deslocamento corporal do sujeito por meio da espacialidade que o envolve, uma vez que os processos de percepção da realidade ocorrem por meio das experiências com estes gradientes e o mundo externo, incluindo sujeitos e objetos inseridos em um determinado espaço.

Para finalizar o poema já citado, Décio, revela um olhar diferenciado do eu-lírico sob o espaço por ele vivido:

Depois, fui dormir serenamente,
para acordar de madrugada
e contemplar a cidade antiga
enamorado dos tempos
e abandonada pelo povo.
(DÉCIO, 1979, p. 72)

É como se revivesse, ou seja, como se o espaço cantado permanecesse vivo por meio da poesia numa relação topoanalítica encarregada de estudar a manifestação dos

lugares físicos de nossa vida íntima. A imagem literária, como afirma Bachelard (1978, p. 290), “torna a alma bastante sensível para receber a impressão de uma fineza absurda” No entanto, os poemas são realidades humanas, eles tratam de imagens que nos fazem ingressar no universo da imensidão poética.

O retrato das cidades – Posse, Formosa e Vila Boa – são em sua essência também um retrato da memória do poeta. A alma do eu-lírico funde-se a própria paisagem e deixa claro o quanto os espaços são importantes para rememorar seu passado mesmo ocasionado pela transitoriedade entre espaço e memória constante em sua poesia: “Hoje estou cansado./Andei tanto, pensei, recordei,/ Dilui-me na paisagem.” (DÉCIO, 1979, p. 35).

Assim, tais textos poéticos demonstram o interesse dos poetas em estabelecer uma relação com os espaços de sua memória e os cenários recriados liricamente em sua poesia. Com isto, intenciona representar a percepção da espacialidade humana demonstrando uma verdadeira relação afetiva entre imagem e lembrança em um relacionamento de apego aos espaços reconhecidos em sua poética.

5) Considerações Finais

O elaborado uso de recursos linguísticos para rememorar lugares importantes em suas trajetórias de vida é, de certa forma, ao menos curioso na poesia de Cora e Décio. A necessidade de utilizar o espaço como temática recorrente para a expressão do eu lírico é notória nas obras propostas para estudo que dão a ver um sentido de amplitude do espaço para além de seus limites geográficos.

Ao expressar-se por meio de poesia o eu lírico pretende identificar-se a espaços importantes em sua trajetória de vida e ao referendá-los liricamente o espaço torna-se matéria de poesia. Os excertos dos textos poético dos autores apresentados utilizam o espaço para a expressão do sentimento do eu-lírico, privilegiando o espaço da cidade de maneira afetuosa o que revela a intimidade dos poetas.

6) Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do Espaço*. In: A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço & literatura*. Introdução à topoanálise. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 18. ed. São Paulo: Global, 1985.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano* (Artes de fazer). Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

DÉCIO FILHO, José. *Poemas e Elegias*. 2. ed. Goiânia: Bolsa de Publicações H. de Carvalho Ramos, 1979.

PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SANTOS, Milton. *O espaço do Cidadão*. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. *A natureza do espaço*. São Paulo: EDUSP, 2009.

SILVA, Célia Sebastiana. *Universo lírico de José Décio Filho*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da UFG. Goiânia, 2000.

TAHAN, Vicência Bretãs. *Cora coragem Cora poesia*. São Paulo: Global, 2002.